

## NOÇÃO DE FONEMA EM LIVROS DIDÁTICOS DE 5ª SÉRIE DO ENSINO FUNDAMENTAL

Denise Gabriel Witzel  
Departamento de Letras  
UNICENTRO, Guarapuava, PR

**Resumo:** Partindo do pressuposto de que o ensino de língua materna, hoje, desenvolve-se muitas vezes à luz dos encaminhamentos e das propostas de livros didáticos e que esses devem pautar-se pela clareza e pela correção, quer dos conceitos, quer das informações que transpõem, este trabalho busca verificar se os capítulos sobre fonemas, contidos nesses manuais, dão conta da realidade da língua.

**Palavras-chave:** livro didático, ensino da língua materna, fonemas.

**Abstract:** Based on the assumption that the teaching of the mother tongue at the present time develops under the guidance and the proposals of didactic materials orientated towards clarity and correction of concepts as well as of the information they convey, this work aims at verifying whether chapters which approach phonemes, presented in such manuals correspond to the actual use of language.

**Key-words:** textbook, mother tongue teaching, phonemes.

Com o intuito de saber até que ponto o tratamento dispensado ao estudo dos fonemas nos manuais de ensino tem caráter científico, este trabalho busca investigar os conceitos de fonema apresentados em livros didáticos de Língua Portuguesa. Para isso, delinearemos, num primeiro momento, o conceito de fonema e, depois, discutiremos as noções de fonema apresentadas em três livros didáticos de 5ª série do ensino fundamental que, por serem indicados pelo Programa Nacional do Livro Didático de 2000/2001, são considerados de boa qualidade.

## Sobre o conceito de fonema

Não há como falarmos do que seja fonema sem antes tratarmos, ainda que sumariamente, da diferença entre fonética e fonologia e das noções básicas desta última.

Quanto à fonética dita descritiva, CÂMARA JR (1986, p.119) ensina que ela estuda os efeitos acústicos elementares que a nossa audição apreende como unidades fônicas, ou sons da fala, produzidos pela articulação dos órgãos fonadores. Com efeito, os foneticistas se interessam pelos sons produzidos pelo aparelho fonador humano, quando tais sons desempenham um papel na língua. LYONS (1987, p.71) explica que essa gama limitada de sons constitui o meio fônico, e os sons individuais existentes nesta faixa são os sons da fala. A fonética, portanto, estuda o meio fônico.

Já a fonologia consiste em uma parte da lingüística que se preocupa com fenômenos fônicos do ponto de vista de sua função na língua. Segundo CALLOU e LEITE (1990, p.11), a fonética se distingue da fonologia “pelo fato de considerar os sons independente de suas oposições paradigmáticas - aquelas cujas presenças ou ausência importa em mudança de significação (pala: mala / fala: vala / etc.) e de suas combinações sintagmáticas, ou seja, os seus arranjos e disposições lineares no contínuo sonoro (roma, amor, mora, ramo, etc)”.

Para esclarecer, vejamos um exemplo: quando alguém diz [tia] ou [ʔia], constatamos uma diferença fonética e não fonológica porque não há alteração no significado. Agora, se alguém diz [karo] ou [kaRo], temos, então, uma diferença fonética e uma diferença fonológica porque o significado também foi alterado. Disso concluímos que a unidade da fonética é o som da fala e a unidade da fonologia é o fonema.

Assim entendidas as diferenças entre fonética e fonologia, vale acrescentar as seguintes afirmações de TRUBETSKOY (1981): a fonética se propõe a estudar os fatores materiais dos sons da fala humana: sejam as vibrações do ar que a eles correspondem, sejam as posições e movimentos dos órgãos que os produzem. Em troca, o que a fonologia quer estudar não são os sons, mas os fonemas. Fica bastante claro, assim, que fonema e som são noções distintas já que o som não é para o fonólogo senão a realização fonética do fonema, um símbolo material do mesmo.

O conceito de fonema foi se delineando ao longo da história da lingüística moderna. O que se pode verificar é que a atual noção de fonema já estava implícita nos estudos de Saussure, mais especificamente na sua dicotomia *langue* e *parole*, pois o fonema é uma unidade da *língua* e os sons (ou fones) são unidades da *fala*. Embora Saussure não tenha formulado um conceito preciso, ele mostrou que os fonemas são antes de tudo entidades opositivas, relativas e negativas. Os fonemas se caracterizam, pois, não por uma qualidade particular positiva de cada um, mas simplesmente pelo fato de que não se confundem uns com os outros. (CALLOU E LEITE, 1990, p.35).

Independentemente de Saussure, os trabalhos de J. Boudouin de Courtenay fixam o termo ‘fonema’ no seu sentido atual. Foi esse autor quem proclamou a diferença fundamental existente entre os sons da linguagem humana e as imagens fônicas de que se compõem as palavras de uma língua, e foi ele também quem tirou desta afirmação

conseqüências metodológicas a exigir a existência de duas disciplinas científicas; quanto ao fonema, ele o definia como o equivalente psíquico do som.

Contudo, tal conceito foi mais precisamente formulado a partir de 1930, nos trabalhos do Círculo Lingüístico de Praga. TRUBETSKOY (1981), um dos fundadores da Escola Lingüística de Praga, afirmou que o fonema constitui um elemento diferencial, um valor lingüístico e somente pode ser definido por suas relações com os outros fonemas do mesmo sistema. Assim, o fonema passou a ter uma conceituação funcional abstrata, uma unidade mínima distintiva do sistema de som, e é como uma unidade funcional que deve ser definido. Nessa perspectiva de raciocínio, o fonema é considerado a menor unidade fonológica da língua.

Com os trabalhos de Roman Jakobson, conforme CALLOU e LEITE (1990), reformula-se o conceito de fonema enquanto unidade mínima, indivisível. Esse autor definiu-o como um feixe de traços distintivos, partindo do princípio de que o fonema era divisível em unidades menores. A partir disso, passou-se a entender o fonema como a soma de particularidades fonologicamente pertinentes que uma unidade fônica comporta. Nesse novo conceito de fonema, em termos mais abstratos e menos físicos, salienta-se o papel funcional que o elemento fônico desempenha na língua.

Para depreendermos os fonemas de uma língua devemos utilizar o método da comutação, isto é, precisamos “imprimir mudança fonética a uma forma mínima verificando se, assim, surge outra forma mínima ou outra palavra, o que, acontecendo, revela que com a mudança se chegou a outro fonema.” (CÂMARA JR, 1986, p 119). Isso significa que, para se descobrirem os fonemas de uma língua, é necessário comutar segmentos de um dado ponto da cadeia falada. Em *f+aca; v+aca; p+aca; s+aca e m+aca*, por exemplo, obtivemos alterações nos significados das palavras porque mudamos as consoantes iniciais, o que nos permite concluir que /f/;/v/;/p/;/s/;/m/ são fonemas da língua portuguesa, representados pelas letras f, v, p, s, m, respectivamente.

Entretanto, não são todas as articulações que nós executamos no momento de emitir um fonema, que servem para defini-lo, pois na sua totalidade, elas se constituem um som da fala, e não um fonema. Convém enfatizar que há sons da fala (ou fones) que podem ser usados em uma língua para estabelecer distinção entre palavras, enquanto outros não podem. Só alteram o significado de uma palavra aqueles que possuem valor lingüístico no sistema da língua. Lembremo-nos que esse valor lingüístico nada tem a ver com valores de certo ou errado. Sobre isso, CAGLIARI (1991, p. 87) explica que o valor lingüístico diz respeito a funções, atribuições de um som dentro da organização sistemática das línguas. Quando trocamos, por exemplo, [l] de lata por [b] temos um novo vocábulo, qual seja, [bata]. Trata-se, pois, de sons que possuem valores distintivos dentro do sistema. Já em [tia] e [?ia] o som não possui valor distintivo já que o significado será sempre o mesmo, independente da forma como é pronunciado.

Chama-se traço distintivo, válido ou pertinente a toda característica fônica susceptível de diferenciar o significado de uma palavra (ou de uma frase). São traços pertinentes os que asseguram, portanto, a função distintiva dos fonemas, tais como a

sonoridade, a oclusividade, a labialidade, etc., e é a intersecção de alguns desses traços que constitui a unidade fonema. Dessa forma, os fonemas /p/ e /b/ são ambos oclusivos e bilabiais, mas se distinguem pelo traço da sonoridade sendo /b/ sonoro e /p/ surdo, e é justamente essa distintividade que permite ao falante/ouvinte de língua portuguesa não confundir [pato] com [bato], por exemplo. É por isso que podemos afirmar que o fonema se define por possuir um traço ao menos que o distingue de outros fonemas da língua.

### **Sobre as definições de fonema nos livros didáticos**

Na seção precedente vimos as diferenças entre fonética e fonologia. Enquanto a primeira se preocupa com a propriedade física dos sons da fala, a última se preocupa com os fonemas. Vimos, também, que o fonema é a unidade que, comutada por outra, resulta um vocábulo com significação diferente.

Buscaremos, agora, verificar o que dizem os manuais didáticos quando estes tratam dos fonemas da língua portuguesa. Nosso foco de atenção centrar-se-á nas definições e nas explicações dadas sobre esse assunto.

De acordo com os objetivos deste trabalho, destacaremos, a seguir, três exemplos extraídos de livros didáticos de 5ª série do ensino fundamental. Após cada exemplo, procuraremos tecer alguns comentários com vistas a analisar a cientificidade e a pertinência das abordagens propostas pelos referidos manuais.

Exemplo 1 (SIQUEIRA, et al., 1999, p.24):

#### **DE OLHO NA ORTOGRAFIA**

*Você já reparou que não escrevemos como falamos? Quando falamos, emitimos sons. A menor unidade deles é chamada de fonema. Na nossa língua, são mais ou menos uns trinta sons diferentes que se combinam para formar palavras.*

*Primeiramente aprendemos a pronunciar estes sons. Quando somos alfabetizados, aprendemos a representar os fonemas através das letras. Mas, nesse momento, surge um problema: descobrir que letra ou letras representa(m) determinado som.*

*Por que isto não é uma tarefa fácil?*

*Como já foi dito, não escrevemos como falamos. Às vezes, usamos a mesma letra para representar sons diferentes. Às vezes uma única letra não basta para representar um som. E outras vezes o mesmo som é representado por letras diferentes. Vamos ver um exemplo?*

*Observe:*

*“Hoje existem palavras japonesas de origem portuguesa”*

*Você deve ter percebido que o som de “z” está sendo representado por duas letras diferentes: “s” e “x”. Por isso, é um problema grafar palavras que sejam formadas com este som.*

*Observe mais um exemplo:*

*“Eu fiquei muito chateado com isso, principalmente por causa do papai porque ele volta do escritório muito cansado e sem muita vontade de fazer lição de matemática.”*

*Que letra está representando mais de um som?*

*Que som está sendo representado por letras diferentes?*

*Que som é representado por mais de uma letra?*

*Você sabia?*

*As pessoas que costumam ler bastante têm menos dificuldade com ortografia. Por que será que isso acontece? Faça essa pergunta a quem tem esse costume e compartilhe as respostas com seus colegas.*

Inicialmente, podemos constatar nesse exemplo, que o tratamento dispensado aos fonemas da língua é, a rigor, confuso e impreciso, já que se confunde fonema e som. Trata-se de uma confusão porque, como vimos, o som e o fonema possuem noções distintas sendo o som um fenômeno físico perceptível por meio do ouvido, ou melhor, uma impressão auditiva causada por um fenômeno físico; o que distingue o fonema do som não é seu caráter puramente psíquico, mas antes seu caráter diferencial – o que faz dele um valor lingüístico. Assim, podemos afirmar que o som corresponde a um conjunto de características distintivas e indistintivas; já os fonemas formam conjuntos só de características distintivas.

O que chama, também, nossa atenção nesse exemplo, é o fato de que há uma nítida intenção em vincular o estudo dos fonemas da língua portuguesa ao ensino da ortografia, o que comprova que o ensino de língua tem-se voltado fortemente para a escrita, sendo a fala relegada a segundo plano. Ao explicar o que são fonemas, a preocupação, nesse livro, não é a de fazer com que os alunos entendam o sistema fonológico da língua que falam. Antes, busca-se levá-los a refletir sobre a complexidade do sistema ortográfico da escrita do português, alertando-os de que isso é *uma tarefa difícil* já que *não escrevemos como falamos*.

Embora seja, obviamente, importante ensinar os alunos, ao longo de todas as séries, as convenções ortográficas que regulamentam o uso social da escrita, é importante, também, que a escola se preocupe com o funcionamento da língua, considerando, dentre outras relevantes questões, as relações entre a fala e a escrita. Entretanto, esse aspecto nem sempre é tratado de forma correta.

MARCUSCHI argumenta que os alunos precisam tomar consciência de que entre a fala e a escrita há um contínuo de um polo a outro e não uma polaridade absoluta e estanque como o exemplo acima dá a entender ao dizer que *não escrevemos como falamos*, haja vista que a fala não configura um novo sistema lingüístico em relação à escrita. A esse respeito, Marcuschi observa também que:

...o aluno, quando entra na escola, já sabe falar e domina a língua em suas estruturas básicas na modalidade oral. A escola trabalha a escrita, mas não deve desleixar o estudo da fala. O professor de língua deve ter plena consciência de que não é possível sufocar a fala em nome da escrita. Embora a escrita tenha hoje um valor prioritário sobre a fala, do ponto de vista cultural, ela é prioritária do ponto de vista cronológico e do ponto de vista de seu uso na vida diária, pois em geral falamos muito mais do que escrevemos. Portanto, é preciso tratá-la com cuidado e não com desprezo. É imprescindível não tratar da fala como o lugar do erro, ou seja, como um uso desregrado da língua. Mais conveniente é mostrar aos alunos as diferenças, tanto no nível da produção, como da comunicação e dos traços lingüísticos. MARCUSCHI (in ARAUJO e CARVALHO, 1993).

É por isso que CAGLIARI (1991) afirma que “a vida de uma língua está na fala”.

Voltando ao exemplo, há que se destacar um outro problema observado na seguinte afirmação: *descobrir que letra ou letras representa(m) determinado som*. Assim conduzida a explicação, entende-se que todas as letras representam ‘som’ ou ‘sons’. Contudo, há na língua portuguesa a letra *h* que não representa som algum quando empregada em palavras como *hoje, hora, homem, haver*. Também em palavras como *falar, namorar* há a letra *r*, que aparece no final da palavra, e que não corresponde a nenhum som da fala, já que dizemos [falà]; [namorà].

Exemplo 2 (TEIXEIRA & DISCINI, 1999, p.56):

## **GRAMÁTICA**

### *Fonema e Letra*

1. *As palavras faladas têm sons. O modo como o ar passa na garganta, na boca, no nariz, entre a língua, entre os dentes, é que vai produzir diferentes sons. Os sons das palavras chamam-se fonemas.*

*Exemplos: mê, nê, zê, lê.*

2. a) *As vogais são um tipo de fonema. Nas vogais, o ar passa livre desde os pulmões, até sair pela boca. Quais são as vogais? 'A-e-i-o-u'.*

b) *Obstáculo é um impedimento, é uma barreira. Quando o ar encontra um obstáculo na sua passagem, acontece um outro tipo fonema.*

*Exemplo: os lábios se fecham, formam-se os fonemas pê e bê.*

*Com que letras esses fonemas são representados? 'P,b'.  
Esses fonemas são exemplos de consoantes.*

c) *o obstáculo pode ser formado pelos dentes em cima dos lábios. Nesse caso, forma-se o fonema fê e outro, quase igual a ele, só mais suave. Que fonema é esse? 'Vê'.*

3. a) *letra h, sozinha, corresponde a algum fonema? 'Não'.*

b) *A letra h, sozinha, não pode ser falada como consoante nem como vogal. Por quê? Porque a letra h, sozinha, não corresponde a nenhum som.*

4. *Observe: hoje, chapéu, olho.*

a) *Quando o h indica palavra e vem seguido de uma vogal não altera o som dessa vogal. Dê um exemplo. 'Hoje'.*

b) *Quando o h vem depois de algumas consoantes, ajuda a formar sons. Dê um exemplo, além de chê e lhê. 'Nhê'*

Embora nessa abordagem haja uma preocupação em explicar para o aluno os diferentes modos e pontos de articulação das vogais e das consoantes, a dúvida e a confusão persistem, porque não são esclarecidas as diferenças entre fonema, som e letra.

Na verdade, estamos novamente diante de um tratamento equivocado e inconsistente dos fonemas da língua portuguesa que são, nesse caso, comparados com o som da fala e confundidos com as letras.

Aliás, pudemos constatar que tal confusão é bastante comum nos livros didáticos de língua portuguesa. Isso, a nosso ver, pode gerar certos problemas no ensino da língua, pois um aluno atento perceberá que vários sons podem realizar o mesmo fonema o que contradiz as afirmações dos manuais didáticos. Aos vários sons que realizam o mesmo fonema dá-se o nome de variantes ou de alofones. A depender da variação dialetal do falante, ele pode pronunciar a palavra *mar* como [mar], [max] ou [mah], mas todas essas variações recaem no mesmo fonema /r/.

Outro equívoco constatado diz respeito à idéia de que a língua portuguesa possui cinco vogais (a, e, i, o, u.). É comum, desde a fase de alfabetização, considerar-se somente o a-e-i-o-u como sendo as únicas vogais da nossa língua. Ao ensinarmos isso aos nossos alunos estamos, mais uma vez, fazendo referência apenas ao sistema da escrita do português, ignorando a fala, já que nesta existem sete vogais.

Para elucidar tal questão, é pertinente explanarmos um pouco a relação entre o sistema ortográfico e o sistema fonológico do português.

Não é novidade dizer que os fonemas de uma língua não correspondem necessariamente às letras da grafia. Com relação às vogais, a língua portuguesa possui sete fonemas vocálicos em posição tônica para cinco letras sendo que /E/ e /O/ eventualmente representados por letras acrescidas de diacrítico (<é> e <ó>) como em *boné, pó, modéstia*. No entanto, em palavras como *pote, bela, bola,...* as letras **o** e **e**, sem o diacrítico, representam os fonemas /E/ e /O/. Em posição final átona, só há três fonemas /a,i,u/, representados por 5 letras. Acontece nesse caso uma *neutralização*, isto é, acontece um “processo pelo qual dois ou mais fonemas que se opõem em determinado contexto deixam de fazê-lo em outro”. (CALLOU e LEITE, 1990, p.77). Vejamos: entre os fonemas /o/ e /u/; /e/ e /i/, quando em posição pretônica, há uma neutralização porque a oposição funcional só acontece quando eles estão em posição tônica. Em posição átona os dois fonemas correlativos tornam-se intercambiáveis sem que isso altere o significado da forma.

LEMLE (1991), de forma bastante clara, explica que há três tipos diferentes, na correspondência entre o plano grafêmico e o plano fonêmico:

- a) o caso ideal: uma letra representa sempre o mesmo som da fala, um som da fala é representado sempre pela mesma letra. Por exemplo, a letra *p* corresponde sempre a [p], e [p] sempre será *p* na escrita;
- b) o segundo tipo de caso: é preciso levar em conta o contexto para formular a regra de correspondência entre as unidades grafêmicas e as unidades fonêmicas. Por exemplo, a letra *l* corresponde ao som de consoante lateral em posição inicial de sílaba (como em *lua*) e ao som da glide [w] em posição final de sílaba dentro da palavra ou no final da sílaba, final de palavra (como em *alto* e *sol*). Indo na direção do oposta: a vogal [u] é transcrita com a letra

*u* quando em posição de sílaba tônica, mas com a letra *o* quando átona em fim de palavra (cf: suco);

- c) o terceiro tipo de caso: não é possível formular regra de correspondência entre as unidades grafêmicas e as unidades fonêmicas, pois a história da língua contém mudanças em decorrência das quais, pela convenção ortográfica, conservadora inevitavelmente, há posições nas quais duas ou mais letras concorrem para representar o mesmo som da fala.

Posto isso, vale acrescentar o que diz DUBOIS (1998, p.360) com relação à definição de letra: “o termo geral letra emprega-se para designar cada um dos elementos gráficos de que é constituído um alfabeto e que são utilizados nas escritas alfabéticas.” As letras podem não corresponder a nenhum som efetivamente realizado (*h* inicial, em português). As letras podem indicar um fonema, como a pronúncia de [a], ou vários, como *x* pronunciado [ks]. Podem também ser um elemento numa seqüência de letras que representam um fonema: assim, *h* em *ch* pronunciado [ʃ].

Portanto, som e letra não se correspondem e em contrapartida o fonema também não pode ser confundido com aqueles.

Exemplo3 (CASTRO, 1998, p.19):

### **GRAMÁTICA**

*Letra, fonema e sílaba*

*Leia atentamente o poema:*

*A bela bola  
rola:  
a bela bola do Raul.*

*Bola amarela  
a da Arabela.*

*A do Raul,  
azul.*

*Rola a amarela  
e pula a azul.*

*A bola é mole  
é mole e rola*

*A bola é bela  
é bela e pura.*

*É bela, rola e pula,  
é mole, amarela, azul.*

*A de Raul é de Arabela,  
E a de Arabela e de Raul.*

*(Cecilia Meireles. Ou isto ou aquilo. In obras completas. p.725.)*



Os autores ainda trataram de forma precisa a relação letra / som / fonema, considerando a letra como uma representação gráfica e alertando para a complexidade da relação entre o sistema fonológico e o sistema ortográfico da língua portuguesa.

O mais interessante, a nosso ver, no exemplo 3, foi a proposta de explicar os fonemas partindo de um texto da Cecília Meireles. Nesse texto, a autora usa e abusa das vogais abertas e das consoantes bilabiais e alveolares, com o objetivo de sugerir por um lado, o ruído da bola e, por outro, a alegria e despreocupação da infância. Embora o autor do livro didático não tenha explorado os recursos fonológicos empregados no poema com vistas a garantir o efeito de sentido pretendido, é válida a idéia de levar o aluno a refletir sobre os fonemas da língua observando a mudança de significado em um texto.

### **Considerações finais**

Este estudo buscou expressar, sem a pretensão de esgotar o assunto, um panorama das noções de fonema que são encontradas nos livros didáticos de língua portuguesa de 5ª série do ensino fundamental.

Ao longo do trabalho verificamos que existe uma certa confusão nas noções de fonema em alguns livros didáticos. Em muitos casos o som é confundido com a letra e com o fonema, sendo este sempre o som da fala. Isso comprova que não há cientificismo no tratamento dispensado aos fonemas da língua portuguesa nas explicações dadas pela maioria dos manuais didáticos, já que uma questão, para ser científica, precisa ter um rigor e ser suficientemente observada para satisfazer as necessidades legítimas de ensino. Ora, não é científico confundir fonema e som. Um mesmo fonema pode ser realizado por diversos sons e o que interessa ao lingüista é acima de tudo o papel que eles têm no funcionamento das palavras: constatamos o seu valor pela distintividade que possam apresentar numa cadeia sonora.

Somente a abordagem apresentada no exemplo 3 trata da função distintiva dos fonemas pela qual os elementos se distinguem, permitindo-nos oportunidades que poderiam figurar no mesmo ponto da cadeia fônica.

Não defendemos aqui, é preciso deixar isso bastante claro, que se deva aprofundar os ensinamentos da fonética e da fonologia no ensino de língua portuguesa, até porque o objetivo deste é formar alunos competentes tanto no domínio da linguagem escrita quanto da oral, e não alunos que saibam apenas descrever os fenômenos lingüísticos. Contudo, parece-nos importante criar nesses alunos uma consciência lingüística do funcionamento da escrita e da fala, bem como das relações existentes entre essas duas. Para isso, é necessário explicitar, em sala de aula, cada vez mais o entendimento de questões de língua, e, por conseguinte, de fonética e de fonologia, contribuindo assim para um ensino mais coerente e eficaz.

## Referências

- CAGLIARI, L. C. *Alfabetização e lingüística*. São Paulo: Scipione, 1991.
- CALLOU, D; LEITE, Y. *Iniciação à fonética e à fonologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- CÂMARA JR, J. M. *Dicionário de lingüística e gramática*. 13.ed. Petrópolis: Vozes, 1986.
- CASTRO, M. C. *Português: idéias e linguagens*. São Paulo: Saraiva, 1998.
- DUBOIS et al. *Dicionário de lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1998.
- LEMLE, M. *Guia teórico do alfabetizador*. São Paulo: Ática, 1991.
- LYONS, J. *Lingua(gem) e lingüística: uma introdução*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1987.
- MARCUSCHI, A. Produção e compreensão de texto no ensino de língua: perspectiva de trabalho: In: ARAÚJO, G.M.L. e CARVALHO, J.A. (Orgs) *Atualização em língua portuguesa para professores de 2º grau*. Recife, 1993. Texto não publicado.
- SIQUEIRA, et al. *Tecendo textos: ensino de língua portuguesa através de projetos*. São Paulo: IBEP, 1999.
- TEIXEIRA, L. & DISCINI, N. *Leitura do mundo*. São Paulo: Editora do Brasil, 1999.
- TRUBETZKOY, N. A Fonologia atual. In: DASCAL, M. (org.) *Fundamentos metodológicos da lingüística*. Campinas, v. 2, Cap.1, p.15-35, 1981.